

A



ALMA NOVA

N.º 6

S U M Á R I O

CAPA; Aves raras, por *Martinho da Fonseca* (Da exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes), FIGURAS E FACTOS; A QUINZENA, por *Mateus Moreno*; A PROPÓSITO DA REEDIÇÃO DO DICIONARIO DE CALDAS AULETE, pelo *Dr. Afonso de E. Taunay*; VIDA ACADEMICA, A excursão da Academia de Sutubal, por *Francisco Torres Vieira*; ASAS PORTUGUESAS; O MILAGRE DE OURIQUE E AS CORTES DE LAMEGO, pelo *Dr. Antonio Cabreira*; NOTAS BIO-BIBLIOGRAFICAS SOBRE O DR. ANTONIO CABREIRA, por *Simões Ratola*; PAGINA DO PORTO, por *D. Branca Lopes*; PÁGINA DE TRÁS-OS-MONTES, por *Miguel Monteiro*; OS NOSSOS "AMIGOS E MADRINHAS"; O morto da R. da Palma, conto realista por *Rebello de Betencourt*; Pó de Arroz, por *Luiz d'Oliveira Guimarães*.

CONSULTORIO "RUMINA"

Directorio clinico: *Doutora BRANCA RUMINA*
DOENÇAS DOS OLHOS, BOCA E CLINICA GERAL
Rua Primeiro de Dezembro, 101 — LISBOA
TELEFONE N. 3009

EMILIO SALGUEIRO

ADVOGADO
RUA AUGUSTA, 188, 3.º-E.
TELEFONE C. 1954
LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

"CAIXA D'AMENDOAS"

POR

VERSOS QUE DAN-
ÇAM O FOX-TROT,
O TANGO E A MA-
XIXE

Luiz d'Oliveira Guimarães

:: 5 \$ 00 ::

PEDIDOS À REDACÇÃO
DA "ALMA NOVA"—OS
ASSINANTES DESTA RE-
VISTA TÊM 20 % DE
DESCONTO

A melhor e mais completa preparação de saes calcicos



SILICALCINA

(REGISTADO)

O melhor medicamento na cura do
tuberculose, raquitismo, linfa-
tismo, anemia, neurastenia, fra-
queza geral e na convalescença
de todas as daenças

ABRE O APETITE E AUMENTA A NUTRIÇÃO

À VENDA

FARMACIA CUNHA
R. da Escola Politecnica, 18
FARMACIA BARRAL
Ruo do Ouro — LISBOA

Loteria de Santo Antonio

Em 19 Junho de 1926

PREMIOS MAIORES } 2000.000\$00
500.000\$00

Bilhetes a 500\$00, decimos 50\$00, vigesimos 25\$00,
quadragesimos 12\$00. Cautelas a 6\$00 e 3\$00. Pela
correio a mais a despesa do parte e registro.
Pedidos aos cambistas.

Campião & C.^a

Rua do Amparo, 116—LISBOA

TIPOGRAFIA E PAPELARIA AMERICA

263, 265, 267, R. da Escola Politecnica

:: :: LISBOA :: ::

Cosa editara e depositaria de livros
da Escola Central de Sargentos, Mi-
nisterio da Guerra, Guardo Fiscal e
Guardo Nacional Republicana

Impressos para o exercito e fornecimentos militares
EXECUTA RAPIDAMENTE E A PREÇOS EXCEPCIO-
NAES:

Obros e publicações, Teses, Estotutos, Relato-
rios, Bilhetes de laja, Facturas, Talães, Menús,
Programas, Bilhetes de visito em todas os
: qualidades e preços, Mapas, Rotulos, etc. :

Fabrica de carlmbos de borracha, sinetes, chancelos,
grovuras, etc.

DRAGÃO D'OURO

SOB A RESPONSABILIDADE DO

COMPTOIR CAMILLE LAURENT

144, Rua Alves Correia, 144

A todos os nassos clientes que nos compram:

100\$00 habilitamos para 500\$00
200\$00 " " 1000\$00
400\$00 " " 2000\$00

(De 6 em 6 compras)

50\$00 habilitamos para 300\$00

(De 7 em 7 compras)

em gulas gratullas.

Hoje novos brindes!

Compren na nossa casa

Em 3 dias entregam os 15.000\$00 em brindes
Respondemos á provincia pela volta do correio.

MISTERIOS DO SILÊNCIO

VERDADES LUMINOSAS

«O eterno fim do universo é a evolução do Espírito. A matéria não se cria nem se destrói, transforma-se. O espírito, unindo-se à matéria, em contacto com o fluido vital, produz a vida».

O HOMEM É OU NÃO DESCENDENTE DO MACACO?
Cada livro de 220 páginas, 3\$00

GUIA FORENSE

Muito útil aos Senhores Doutores, Escrivães e Magistrados e a todos os que seguem o fóro

CADA 4\$00

PEDIDOS A ESTA REDACÇÃO

JOAQUIM F. GUERRA

PAPELARIA

17, RUA SERPA PINTO, 19

DEPOSITO DE PAPEIS DE IMPRESSÃO

GRANDE VARIEDADE DE PAPEIS
E ARTIGOS DE ESCRITORIO
PARA VENDA A RETALHO E POR ATACADO

OFICINAS DE TIPOGRAFIA, ETC.

Quereis os VOSSOS RELOGIOS BEM REGULADOS?
Quereis um BOM RELOGIO DE SALA OU DE ALGIBEIRA, ou um BOM DESPERTADOR POR POUCO DINHEIRO?

Visitae a

RELOJOARIA E FOTOGRAFIA
DE

ANTONIO SIMÕES DE CARVALHO

Na RUA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE
ou na Feira em SANTA COMBA DÃO

CONCERTOS, COMPRAS E VENDAS

ADMITEM-SE APRENDIZES

PREFIRAM AS TINTAS **INDIANA**
RIVALISAM COM AS ESTRANGEIRAS

AS COLAS E LACRES «ALEXANDER»

:: :: SÃO OS MELHORES :: ::

TINTAS PARA COPIOGRAFOS E MARCAR
ROUPA EM TODAS AS CORES

MENDES PEREIRA & F.^o, L.^{da}

CAMPO GRANDE, 243 - TELEF. CAMPO GRANDE 1

:: LISBOA ::

AUTO-LUSITANIA

Telefone: N. 5319

Teleg.: AUTOSITANIA

ALFREDO DUARTE, L.^{da}

Deposítárias exclusivas de

CORRENTES INGLESAS
"THE COVENTRY"

ROLAMENTOS ITALIANOS
"R. I. V."

LISBOA - Av. da Liberdade, 75 77 e 79

Accessórios e peças de sobrecelente,
para diversas marcas de automóveis,
camions e motos europeus e americanos



ANTIGOS
REBUÇADOS PEITORAES
S. ROQUE

SEGUNDA FORMULA

D.^o SALVADOR BRITO

MARCA REGISTRADA

PEDIR Á

R. DA ESCOLA POLITECNICA, 1265
ou TELEFONE NORTE 792

NÃO CONTEEM ESSENCIAS
ARTIFICIAES

ARTIGOS DE PINTURA
E ARTE APLICADA

TINTAS PARA AGUARELA E OLEO
DA ACREDITADA MARCA (LEFRANC)

PAPELARIA

EMILIO BRAGA, L.^{da}

ARTIGOS DE PAPELARIA, TIPOGRAFIA E ENCADERNAÇÕES

OBJECTOS PROPRIOS
PARA BRINDES, ETC.

59, RUA NOVA DO ALMADA, 61
LISBOA

TELEFONE 3584 C.

SÃO EXPEDIDOS PARA A PROVÍNCIA COM TODA A PRONTIDÃO

Rolamentos de esferas

SKF

PARA TODA A ESPECIE DE MAQUINAS,
MOTORES E TRANSMISSÕES
AGENTES E DEPOSITARIOS

BLACK, L.^{da}

8 - RUA DA BOA VISTA - 10

LISBOA

JOSE MARIA PIRES, SUC.
SERRALHERIA

CASA FUNDADA EM 1865

PORTAS ONDULADAS E ARTICULADAS

FABRICAS DE PÁS PARA
TODAS AS INDUSTRIAS

ESCRITORIO - RUA DA MOURARIA, 3

TELEFONE N. 3023

FOTOGRAVURA NACIONAL L.^{DA}



Rua da Rosa, 273
LISBOA
TEL-NORTE-3538

BOMBA-BLOCH

PARA ELEVAÇÃO
de agua, vinhos, azeites,
acidos, etc. etc.

A unica que não precisa lubrificação

Toda em bronze fosforeso

VENDA: Nos casos de electricidade e maquinaria da Paiz

INFORMAÇÕES: **MARIO PALAU ROURA**
Rua Rodrigo da Fonseca, 45
Telefone N. 1224 — LISBOA

A AMERICANA, L.^{DA}

FABRICA ELECTRO-MECANICA
DE
CONFECTARIA E PASTELARIA

FORNECE AMENDOAS, MARMELADA,
REBUÇADOS E TODAS AS
QUALIDADES DE DOCEIRAS
FABRICO ESMERADO

AV. ELIAS GARCIA, 102
TEL. 494 N

GODINHO CABRAL

ADVOGADO

ANTONIO SIMÕES DE GARVALHO
RUA DO CARMO, 69, 1.º, E.
TELEFONE C. 2649

**FOTOGRAVURAS
U S A D A S**

.. A 10 CENTAVOS ..
CADA CM.² ..

**VENDEM-SE
EM BOM ESTADO**

RETRATOS, MONUMENTOS
E PAISAGENS DE
TODO O PAIZ

PEDIDOS A C. JOÃO DO RIO, 8, 1.º
LISBOA

ASSINEM O QUINZENARIO
"A VOZ DO MARÃO"

QUE É O JORNAL DA ELITE
INTELLECTUAL TRANSMONTANA

REGIONALISMO — LITERATURA — FILOSOFIA — SCIENCIA E ARTE
ASSINATURA POR 12 NUMEROS, NO CONTINENTE, 5\$00

DELEGAÇÕES EM
VILA REAL, LISBOA
E RIO DE JANEIRO

DIRECTORES
Mandel Henrique Varejão
e Pereira da Silva

REDACÇÃO
R. Viterba de Campos, 55
Arrabida — PORTO

GAZARÉ MONUMENTAL, L.^{DA}

AVENIDA ALVARES CABRAL (AO RATO)
TELEFONE NORTE 4949

MAGNIFICAS INSTALAÇÕES PARA
RECOLHA DE CARROS COM PESSOAL

.. HABILITADO PARA LAVAGENS ..

PREÇOS MODICOS

VENDA DE OLEOS E GAZOLINA

RELOJOARIA ALIANÇA
DE
A. SANTOS

55, RUA 4 DE INFANTARIA, 55

Compra e vende objectos de ouro, prata,
relogios, gramofones, discos, etc.

Concertos garantidos em relogios,
ouro, prata, caixas com musica e gramofones

Recebe ENCOMENDAS para a PROVINCIA
QUE SÃO EXPEDIDAS COM TODA A PRONTIDÃO
Estas encomendas devem vir registadas





A Q U I N Z E N A

A revolução militar agora triunfante, iniciada, quasi simultaneamente no norte e sul do País, teve o apoio unânime, não só do Exército e da Armada, mas de quantos ainda nessas instituições confiam, como sendo, de facto, os organismos do Estado onde os princípios da disciplina e os conceitos de ordem e abnegação patriótica menos se adulteraram.

A parte da guarnição de Lisboa desde ha muito affecta ao movimento, e que tinha sido, por circunstâncias especiais, apenas convidada a não o hostilizar, demittido o governo do sr. Antonio Maria da Silva, collocou-se immediatamente ao lado dos revoltosos, o mesmo fazendo as forças tidas como fieis ao dito governo, não só por espirito de classe, mas ainda por verem, certamente, a inutilidade duma resistência.

Não houve assim qualquer embate — o que muito é de louvar, — nem tampouco os costumados desacatos na rua, sempre de tão lamentáveis consequências.

Parece que o ministro da guerra, não ignorando, segundo se crê, os objectivos do movimento, antes mesmo da sua eclosão, ao demissionar-se com o governo chamou a uma conferência alguns comandantes das unidades de Lisboa, saindo dessa reunião uma junta revolucionária de apoio aos revoltosos e a quem aquele titular confiou a manutenção da ordem na cidade. O Comandante sr. Mendes Cabeçadas, que se encontrava preso em Santarém, foi nomeado presidente da referida junta e immediatamente posto em Liberdade, afim de vir receber do chefe do Estado a incumbencia de formar governo — um governo nacional de competencia, de harmonia com uma carta que lhe havia dirigido o illustre marinheiro.

Apresentando assim o movimento dois chefes, estabelecendo-lhe directivas, chegou-se a reccar que as decisões do Comandante Cabeçadas não correspondessem plenamente ao espirito da revolução.

O General sr. Gomes da Costa, ouvido pelo "Diario de Noticias", asseverava-lhe, porém:

«O movimento militar que dirige, tem por características afirmar a vontade do Exército de garantir o inicio de uma epoca de paz e de prosperidade á Nação. Não se julgue que estas palavras sejam apenas vagas afirmações sem consistencia nem consequencia: — o Exército quere contribuir para a constituição dum Portugal grande e digno. — *General Gomes da Costa — 30 Maio 926.*

E quanto ás características do

governo, que deverá sair da revolução, acrescenta:

— «Ao contrário do que se afirma, eu não sou contra os partidos políticos. Não, senhor. A coisa é outra: Eu sou contra certos partidos formados por «coterias» de interesses pessoais. Contra esses, sim; contra esses, sou. E' preciso que a imprensa, que todos, nos auxiliem na tarefa que encetámos.

«Ela não tem fins politicos. O nosso objectivo, — e não ha outro — é salvar a Patria e prestigiar o Exército. A Patria ia-se afundando pouco a pouco. Era preciso salva-la. E' o que estamos fazendo; e para isso já temos força mais que sufficiente. Fala-se num governo nacional. Não queremos. Não queremos um governo nacional por forma alguma e custe o que custar. Se quizerem guerra... vamos para a guerra...»

A impossibilidade de formar de momento um ministério capaz de restabelecer a verdadeira moralidade na governação pública, impõe-lhes, pelo menos temporariamente, um governo de força. Os elementos de valor, as altas competencias governativas, estejam eles onde estiverem, virão depois, que ainda os possuímos, felizmente.

Foi este o pensamento principal que mostrou o movimento triunfante; é este ainda, como se vê, o pensamento do general sr. Gomes da Costa.

Que não hesitem em comprehendê-lo os próprios politicos que ainda saibam, porventura, colocar a cima dos seus interesses particulares, — ou dos partidos a que pertencem, — a vida do País.

MATEUS MORENO

*

TERMINARAM finalmente as hostilidades, na guerra de Marrocos. Abd-El-Krim, o detemido chefe rifenho, que há meses recusára uma proposta de negociações, em circunstâncias talvez vantajosas, acaba de escrever aos seus adversários, submetendo-se-lhes, incondicionalmente e entregando-se à França, com toda a sua familia e bens.

Acabou, pois, aquele sorvedouro de vidas da mocidade da grande nação amiga.

A guerra de Marrocos pode-se todavia, considerar completamente jugulada.

*

UMA galha: O "raid" a que nos referimos, na página 5. é "Lisboa-Madeira-Açores", e não "Lisboa-Açores-Madeira".



GENERAL GOMES DA COSTA

O prestigioso militar que deu inicio ao movimento revolucionario no norte País

A PROPOSITO DA REEDIÇÃO DO DICCIONARIO DE CALDAS AULETE

(AO PREZADO E DISTINTÍSSIMO AMIGO
SR. JOSÉ ALVES DIAS).

A PEZAR dos grandes esforços, dignos do maior louvor, empregados pelos dicionaristas, e sobretudo por Candido de Figueiredo, na obra de inventariamento dos recursos da lingua portugueza, forçoso é confessar que as realizações até hoje conseguidas estão muitissimo longe de traduzir a verdade dos factos no tocante á riqueza do vocabulario lusitano, nos cinco continentes em que se espalhou, graças áqueles homens de ferro a quem Neptuno e Marte obedeceram.

Ninguem, até hoje, de longe, conseguiu reunir tão opulento catalogo de termos portuguezes quanto Candido de Figueiredo. Ha na terceira edição do seu «Novo Dicionario» nada menos de 137.000 verbetes vocabulares. Deixa a perder de vista qualquer outro dos grandes lexicos correntes, áquem e além Atlantico; recolheu milhares, dezenas de milhares, de brasileirismos, indianismos, agolismos, etc.

Mas que é isto? pouco ainda! Ha muito mais de cem mil palavras, de intensa vitalidade, frequente nos labios dos homens das diversas agremiações de origem lusa e que dali estão ausentes.

Comecei, por desfastio, a averbar as lacunas do «Novo Dicionario»: outras cinco mil e tantas palavras.

Agastou-se o eminente philologo, com algumas das observações que lhe fiz a proposito da deficiencia do seu prestantissimo dicionario e assim das minhas onze mil e tantas lacunas apenas escolheu umas duzentas ou trezentas que incluiu na terceira edição de sua obra. Levou-me isto a entreter polemica, pelos jornais de S. Paulo e do Rio de Janeiro, com o douto dicionarista; disse-lhe umas tantas cousas francas e dele ouvi outras tautas na imprensa e depois nos «Combates sem sangue», o ultimo dos seus volumes.

Nem éle nem eu felizmente nos deixámos levar ao terreno das retaliações pessoais. Agastou-se o velho mestre mas conteve as explosões do temperamento irritadiço e propenso aos desabafos violentos.

Nos mesmos «Combates sem sangue» em que me contesta, irritado mas comedido, endereçou as mais duras palavras ao Sr. João Leda, da Academia Amazonense e ao meu prezado amigo Dr. Edmundo Navarro de Andrade, homem do mais culto e brilhante espirito, a proposito dos reparos que ambos lhe haviam feito ao «Novo Dicionario».

Como argumento comprobatorio da lacunosidade do dicionario figueirediano colecionei em 1923, e com a maior rapidez, mais mil e quinhentas palavras, ainda não averbadas, e a que dei publicidade no «Vocabulario de omis-

A «Alma Nova» orgulha-se de publicar hoje um precioso inédito do escritor brasileiro e grande amigo de Portugal, Dr. Afonso de E. Taunay, illustre Director do importante Museu do Ipiranga e um dos maiores investigadores da história do Brasil, especialmente de S. Paulo.

O nosso novo colaborador é filho do grande Visconde de Taunay, a quem o governo da Republica Brasileira, em sinal de gratidão pelo muito que lhe deve, em 1923 mandou erigir um monumento, na Aquidana, e é ainda neto de Portuguezes, pelo lado materno. Nem doutra maneira se explicaria o carinho com que S. Ex.^a se refere a Portugal, sempre que comenta quaisquer factos da historia do Brasil que se relacionem com a do nosso País e ainda o calor que tambem põe sempre na defesa do nome Português, quando éle no Brasil é, como hoje tanto soe, menos justamente tratado ou mesmo deprimido.

sões. Zangou-se o illustre philologo; provou mais uma vez, e alto, pertence-rão «irritabile genus»; Retrucou-me com uns tantos conceitos menos amáveis. Respondi-lhe com novos argumentos que me pareceram «ad rem»! Assim lhe afirmei que me comprometia a descobrir uma lacuna ao seu dicionario em cada um dos exemplares de tres grandes jornais do Rio de Janeiro e de S. Paulo, em determinado dia. Realisei tal experiencia nas edições «do Jornal», do «Estado de S. Paulo», do «Correio Paulistano» e de 18 de fevereiro de 1924.

Comprometera-me a descobrir tres lacunas, uma em cada jornal. Pois bem! averbei não trez vezes dez! nem trez vezes vinte! achei... cento e quatro lacunas!

Agastou-se deveras o meu illustre contradictor e arguin-me a insuficiencia do preparo filologico e a ignorancia dos preceitos impostos aos dicionaristas modernos, no que aliás tinha carradas de razão. Mas não era disto que se tratava! e sim da sua reluctancia em dicionarisar vocabulos apontados como omissões do seu lescico; da incoerencia dos seus processos de aceitação e recusa das falhas indicadas, cousa que sobremodo o melindrava.

Encetei então longa serie de artigos de reparo ás definições erroneas e obsolutas do «Novo Dicionario» e organizei uma quarta contribuição no genero das tres primeiras a «Colectanea de falhas» brevemente a sair do prelo, vocabulario em que ha centenas de termos portuguezes não mencionados no lexico figueiredeano, pois nele não se nota só a de deficiencia de brasileirismos e sim tambem a de lusitanismos.

A morte surpreendeu o meu donto e illustre adversario quando eu esperava a resposta que não deixaria de me dar.

Deve-lhe a nossa lingua prestantissimos serviços e o seu Dicionario é um catalogo da maior valia em materia de rigor do inventariamento. Fez imenso pelo avultamento da dicionarisação do portuguez mas, «ars longa», ha imenso ainda a fazer em tal seara.

Porque o portuguez não se limita aos 137.000 por ele dicionarizados. O portuguez conta hoje, pela certa, 250.000 termos vivazes. Ha pelo menos cem mil brasileirismos ausentes do dicionario de Candido. Só eu pude reunir mais de quatorze mil lacunas, o Rev. Padre Carlos Teschauer, nos seus excelentes lexicos, colecionou mais de dez mil.

Assim é incontestavel que os nossos futuros grandes dicionarios hão de, imenso, avolnmar-se ainda.

Dispomos já incontestavelmente, para o arcabouço da lingua, de lexicos do maior valor, como os de Fr. Domingos (feruina na pag. 12)



Em cima: grupo dos estudantes do liceu de Setubal, tirado em Huelva, com os seus professores e o devotoíssimo cônsul de Portugal no lindo cidade ondulosa sr. Morio Barreto. Em baixo: ó direito, a visita dos estudantes portugueses á escola Siuroi, em Huelvo; ó esquerdo, no convento franciscano de Lo Róblida vendo-se, da direita para o esquerdo, os professores do Instituto de Ensino Secundario de Huelva, D. Amón Sobrás e D. Pulido Rubio; o superior do convento; o consul de Portugal em Huelvo e o director da excursão, prof. dr. Cardoso Pereira. A' frente duas alunas do liceu de Setubal.

A Academia de Setubal é muito pouco conhecida do resto do país, mas sabe, concludentemente, marcar o seu lugar, como academia portuguesa que se preza de ser.

Não é, pois, sem orgulho que lhe dedicariamos hoje algumas linhas de justo louvor, se nos permitisse o espaço.

Não temos o hurilado do estilo, nem o poder descritista suficiente para fazer ver por escrito o que foi a nossa viagem ao Sul do País e da vizinha Espanha, mas guardamos dela uma tão emotiva lembrança, que julgamos quasi suficientes os impulsos íntimos da nossa saudade para supri-
tais atributos. E se a vida académica é, de facto, um colar em que cada pérola representa uma recordação — alegre ou triste — de quanto nela é passado, esta excursão foi para nós uma pérola das mais lindas, a juntar a tantas outras que já possuíamos.

A galhardia, gentileza e eternecimento com que fomos recebidos, tanto no Algarve, como em Espanha, não podiam deixar de tocar-nos o coração.

Em Faro, cumulou-nos de amabilidades, não só a nossa afectuosíssima Madrinha, D. Maria Luiza Eusébio, que levou a sua cortesia ao ponto de nos oferecer em sua casa um esplêndido copo de água, mas ainda o Ex.^{mo} Governador Civil, Sr. Antonio Martins Paula, toda a élite local e o povo; em Espanha; o álaire sorriso das andaluzas e a nobre solicitude do nosso cônsul em Huelva, iguais motivos de iude-level gratidão em nós deixaram para sempre vincados.

A todos, pois, o nosso melhor reconhecimento.

FRANCISCO TORRES VIEIRA
(Presidente da Academia de Setubal)

N. da. R. — Sobre as escolas Siuroi e o respectivo método de ensino, publicaremos brevemente algumas curiosas notas dum distinto professor do liceu de Setubal.

A S A S P O R T U G U E S A S

A CABAM de regressar a Lisboa, a bordo do vapor "Lima" tendo tido no Cais de Santos uma carinhosa recepção, os dois bravos aviadores que tentaram o «raid» Lisboa-Açores-Madeira-Lisboa, e que, por insuficiência do aparelho, o governo mandou suspender, depois de atingido o último daqueles arquipélagos.



Os tenentes-aviadores srs. Mareira Campos e José das Neves Ferreira, que fizeram a "raid" Lisboa-Açores-Madeira, interrompida por ordem do Governo, e que chegaram a Lisboa no dia 27 último



Um aspecto da assistência na Cais das Portas da Cidade, vendo-se ao centro a menina Maria Luiza Domingues Ferreira, sabrinha do tenente-aviador sr. José das Neves Ferreira



O hidro-avião "Sagres" na porta de Ponta-Delgada

As nossas gravuras são um precioso documento da passagem dos heroicos aviadores pelos Açores, onde foram recebidos com verdadeiro delírio pela população.

Os arrojados aviadores estão na disposição de repetir, o mais breve possível, a sua viagem.

E' o tenente sr. Campos quem o afirma, nestes termos, ao jornalista :

— «Sim, meu caro jornalista, a viagem aos Açores tem de realizar-se. Mas enfim, ordens são ordens, e a marinha é a tropa. Cumprimo-las sem as discutir. Cá estamos, mais as asas do "Focker". . . »

"O MILAGRE DE OURIQUE E AS CORTES DE LAMEGO"

“Milagre de Ourique pode estudar-se sob o ponto de vista da tradição e quanto ás causas que o teriam determinado, isto é, nos Monumentos, na Filosofia e na Sciência.

*

Fr. Bernardo de Brito foi acusado de forjar, em 1602, o Auto de Juramento de D. Afonso Henriques ácerca do Milagre, pretendendo os negadores deste facto ver, em tal documento, a origem da respectiva tradição.

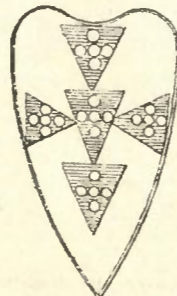
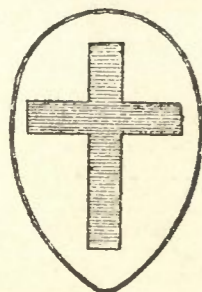
Ora, o Senador António de Sousa Macedo, nos Proémios da «Lusitania Liberata», e o Padre D. António Caetano de Sousa, no Comentário ao dia 25 de julho do Agiologio Lusitano, mostram que o caso da Aparição de Cristo ao 1.º Rei de Portugal era uma tradição constante e pública, pelo menos, a partir de D. Manuel.

E documentam o asserto, citando, entre outros, como tendo-se referido ao sobredito caso, os poetas Luiz de Camões (“Lusiadas” canto III, Est. 42 a 45); Antonio Ferreira e Sá de Miranda, os oradores ou historiadores, André de Resende, nas suas “Antiguidades da Lusitania”; Fr. Simão Coelho, na “Crónica do Carmo”; Fr. Heitor Pinto, na “Dedicatória aos Comentários sobre Ezequiel”; o Bispo D. Jerónimo Osório, no livro oitavo “De Rebus”; Damião de Goes, na “Descrição de Lisboa”; o autor do epitáfio latino, que, por ordem de D. Manuel, se gravou, em 1515, no sepulcro de D. Afonso Henriques; e Duarte Galvão, na Crónica deste Rei, composta em 1505.

A estes testemunhos junta o Padre António Pereira de Figueiredo (“Novos testemunhos da milagrosa Aparição de Cristo Nosso Senhor a El-Rei D. Afonso Henriques...”, Lisboa, 1786; pág. 4, 5, 7, 11, 18, 23 e 27), os de:—o Bacharel Cristovão Rodrigues Asinheiro, no “Compêndio” das nossas Cróni-



O MILAGRE DE OURIQUE
(Reprodução duma gravura antiga pertencente ao Sr. Julio Nunes de Freitas)



AS PRIMEIRAS TRÊS FASES DO EMBLEMA PORTUGUÊS

ANTONIO CABREIRA

Em comemoração do VII centenario da fundação de Portugal, realçou no ano findo o sr. dr. Antonio Cabreira, uma notavel communicação, com o titulo acima, classe de letras da Academia das Sciencias de Lisboa, communicação que depois desenvolveu, documentou e recentemente fez publicar, havendo sido objecto de discussão alguns dos seus passos mais interessantes.

Obra de investigação e análise, escrita em linguagem elegante e leve, em deixar de ser profunda, apraz-nos testemunhar ao seu autor os nossos respeitos e a nossa simpatia, transcrevendo alguns trechos do parágrafo que intitulou “O Milagre nos Monumentos, na Filosofia e na Sciencia”, talvez um dos mais curiosos e bem criticos do livro:

cas, 1535; Oliveiro de Marca, gentil-homem borgonhês, nas suas “Memoires”, 1435-1499; Vasco Fernandes de Lucena, na Oração de Obediência ao Papa Innocencio VIII, por parte de D. João II, 1485, o Mestre Fr. João Xira, da Ordem dos Menores, etc ..

Vê-se, pois, pelos monumentos citados, que, 187 anos antes

da “invenção” de Fr. Bernardo de Brito, já havia tradição escrita do Milagre de Ourique, e que continuou, depois, sempre vívida, aflorando até nos campos pictórico e architectónico,

Para mostrar o absurdo da negativa do Milagre, fundado na suposta falsidade do Auto de Juramento, basta reproduzir o seguinte conceito do grande Mestre que foi Antonio Feliciano de Castilho, transcrito, com aprazimento, por António José Viale (“Novo Epitome da História de Portugal”, Lisboa, 1878), outro notável ornamento da Academia:

“... todavia, a tradição havêmo-la por antiquíssima.

Cumprê, em nosso entender, distinguir entre a tradição e o documento referido, o qual bem podia ser forjado em tempos mais modernas, sem que, por isso, se deva, em boa lógica, arguir de não coeva ou quasi coeva a narração do facto; para o que

ainda não foram dados argumentos que satisfizessem. O documento, sendo apócrifico, como juramento do Rei, pode não ser falso como história tradicional do acontecido”.

“Todos os Milagres são inteiramente compreensíveis perante a Filosofia Espiritualista, — a única que tem resistido e pode resistir á acção corrosiva do evoluir humano, — impondo-se muitos dêles até á consideração dos próprios adversários dessa Filosofia por constarem de solene testemunho público e de autorizadas averiguações scientificas (1). Com efeito, uma vez que a pesquisa da Verdade, nor-



A BATALHA DE OURIQUE

(Idem, pertencente ao Sr. Prior F. P. da Fonseca Neves).

teada pela Razão. conduz até Deus, Autor Único das Leis e da Harmonia do Universo, e Onnipotente e Sempriterno nos seus attributos de Criação Infinita, de Justiça Absoluta e de Beleza Máxima, temos de aceitar todas as manifestações dessa Autoria e dessa Onnipotência, sobretudo se elas forem necessárias para o triunfo do Bem.

Ora, há dois lances decisivos para a Vida e Glória de Portugal, cujo êxito só pode explicar-se, claramente, por intervenção divina.

No primeiro, as probabilidades da vitória, tocando quasi a certeza, estavam, em Aljubarrota, do lado das hostes castelhanas. No segundo, iam perder-se as caravelas, á entrada do Mar das Indias, pelo horror da tormenta, pelo pânico da maruja, pela falta irremediável dos instrumentos.

Não é só a exaltação da Crença que o afirma: é a História que o regista, em páginas de fulgor imarcessível; são os monumentos grandiosos que a Alma Nacional, em comovida gratidão, ergueu na Batalha e no Restelo.

E se, por Milagre, Nun'Alvares consolidou a nacionalidade, e Vasco da Gama descobriu o caminho do Oriente, não será lógico supôr que o Milagre já havia permitido a D. Afonso



A ACLAMAÇÃO DE D. AFONSO HENRIQUES
(Idem, Idem)

Henriques a realização da Independência da Raça, vencendo, contra todas as possibilidades humanas, esmagadores inimigos da Cruz?

Efectivamente, se aproximarmos as três vitórias e lhes observarmos as características, vêmos que revelam idêntica finalidade moral e definem triunfal directriz histórica, previamente assinalada à Raça; pelo que devem ter o mesmo cunho originário, a mesma procedência de impulso, o mesmo alcance providencial.

*

Considerêmos agora o fenómeno sob o aspecto subjectivo, independentemente do estado de Graça.

Segundo a Psico-fisiologia, a imagem de qualquer objecto forma-se nas retinas do observador, transforma-se em onda vibratória através dos nervos ópticos, produz a visão, nos lóbulos occipitais dos hemisférios cerebrais, e regista-se na memória.

Se, porém, a imaginação fór muito excitada, pode aquela impressão determinar uma onda regressiva que desce ás retinas, pelas fibras que partem dos centros nervosos superiores, em função centrífuga. E, desta forma, chega a reconstituir-se a primitiva imagem, íntegra ou modificada, dando-se, em seguida a visão, como se fôra originada pelos raios luminosos.

No primeiro caso, temos a visão física, e, no outro, a visão psíquica, em que a imagem, na opinião do sábio académico dr. Júlio de Matos, Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, "não se localiza no vácuo, mas substitui-se a uma imagem real que é coberta e neutralizada por ela", (2).

Se a visão psíquica é horrída, o sistema nervoso sofre grande depressão, donde resulta invencível quebra moral e abatimento físico. Se, porém, é bela e irisa os olhos, como flor do Ideal, o sistema nervoso tonifica-se, por confortante emoção, pelo que imprime novas energias ao sistema muscular, vindo a capacidade para todas as audácias e para todos os sacrifícios.

Dest'arte, os visionários, os Heróis e os Mártires são, scientificamente, casos de alucinação sublime.

Mas, o agente que exerce maior influência na imaginação, é o sentimento religioso, pois alimenta-o a ância da Glória Eterna, saciedade máxima das aspirações humanas.

E se tal sentimento é ferido por qualquer espécie de embate, muito naturalmente, a imaginação exa-

cerba-se e verificam-se as condições da referida segunda hipótese.

Ora, no ânimo de D. Afonso Henriques, teriam actuado os seguintes factores:

- 1.º — Uma ardentíssima Fé Cristã;
- 2.º — A circunstância de combater infieis, para alargar o Reino de Deus;
- 3.º — O êxito anterior;
- 4.º — A sugestão de diversas Aparições de Cristo, desde as confessadas pelos Apóstolos, e as quais concretizava no Crucifixo;
- 5.º — A prece que erguia, do fundo da alma, para suprir a inferioridade numérica dos seus combatentes.

O 1.º era uma ideia fixa e orientadora de todo o labor

afectivo; o 2.º exacerbava-lhe a Fé; o 3.º capacitava-o da assistência providencial; o 4.º e o 5.º predispunham-no, directamente, para a visão psíquica, pela intervenção conjugada da memória e da imaginação, pois sob a exaltação e emoção do momento, aquela facultava as imagens das referidas Aparições, e esta aproximava de Deus o espírito do fervoroso impetrante.

E se passarmos do raciocínio á observação, comprova-se a possibilidade histórica do Milagre, pois as coisas passaram-se como se êle tivesse ocorrido.

De resto, não admira que tal succedesse em «plena obscuridade» da Idade Média, desde que, decorridos quasi 800 anos, no «século chamado das luzes», esoldados franceses viram no Marne, a Imagem épica de Joana d'Arc, animando-os a derrotar os alemães.



DR. ANTONIO CABREIRA

(3), e um batalhão português mobilizado em Coimbra, quando partia para a Guerra, deslumbrou-se com a radiosa aparição da Rainha Santa Isabel, a premer-lhe a Vitória (4).

(1) Para demonstrar o asserto, basta referir as maravilhosas curas de Lourdes, absolutamente inexplicáveis dentro das possibilidades fisiológicas.

(2) «Elementos de Psiquiatria», Port., 1911; pág. 64.

(3) Este acontecimento, relatado por toda a imprensa Francesa, ficou conhecido pelo «Milagre do Marne», atribuindo-se-lhe a salvação inesperada da França, pois a avalanche alemã, que deixava por toda a parte um horrendo rasto de ruínas e de sangue, eslava prestes a esmagar Paris.

(4) O illustre académico sr. dr. Jaime Cortezão, Director da Biblioteca Nacional de Lisboa, revelou o facto no eloquente discurso que pronunciou na Camara dos Deputados, em sessão de 20 de Maio de 1916. Eis o excerpto que interessa: «Anima-me a mais ardente Fé. E até o povo começa já a enirar nesse estado de graça. Diz um jornal da provincia que, em volta de Coimbra, corre a lenda de que a Rainha Santa Isabel appareceu a um batalhão de mobilizados, prometendo a Vitória. Eu não sei se se algum dentre os que me escutam lerá por este facto um sorriso de ironia. Seria um sacrilégio... Para o povo é esta a mais profunda expressão da sua linguagem». (Jornal «O Mundo», Lisboa, 25 de Maio de 1916, artigo «A sessão de ontem na Camara dos Deputados».)

NOTAS BIO-BIBLIOGRAFICAS SOBRE O DR. ANTONIO CABREIRA

ANTONIO CABREIRA, que nasceu em Tavira, a 30 de Outubro de 1868, é o Representante da nobilissima Familia Cabreira, — cujos antepassados e grande número de componentes se distinguiram nos campos de batalha, — e senhor do Morgado do Patarinho, pertencendo-lhe os títulos de Conde de Lagos, Visconde do Val da Mata e Alcaide-Mór de Tavira. É também Sócio da Academia das Ciências de Lisboa, das Academias Nacional de História e das Ciências de Veneza, Barcelona, Toulouse, Dijon, Montpellier e de Nápoles, Doutor «honoris causa» pela Universidade do Arizona, Benemérito da Instrução Nacional, Condecorado com o Mérito, 1.ª Classe, do Chile; Comendador de S. Tiago da Espada e Cavaleiro da Legião de Honra, tendo, por virtude destes dois últimos graus, as graduações e as honras de Tenente-Coronel do Exército Português e de Tenente do Exército Francês.

Como matemático e polígrafo tem produzido cerca de 180 trabalhos, devendo-se-lhe notáveis descobertas nas sciências exactas, novos e valiosos argumentos filosóficos e fecundos pontos de vista ainda não considerados em diversos problemas históricos e sociais. Dentre esses trabalhos merecem citar-se os seguintes, por terem alcançado maior renome em Portugal e no estrangeiro:

«Sobre a Geometria da espiral», «Primeiros Principios de Geometria Refractiva», «Novos poliedros derivados», «Calendários Solar e Lunar perpétuos, horas e alturas das marés e datas das festas móveis», «Astrolábios Mecânico e de Sol», «Método d'obter as coordenadas geográficas», «Determinação da latitude», «Espírito e Matéria», «Risos e Lágrimas», «Pangermanismo e aliança militar dos povos latinos», «Tomás Cabreira através da Vida e através da Morte», «Análise da Revolução de 1820», «Esbôço e aplicação social dum critério psicométrico», «Discurso comemorativo das suas bôdas de prata académicas», «Pedra de escândalo ou etiologia e caufério duma avariose moral», «Vasco da Gama sobre a terra e sobre o mar», «A voz do Sangue», «D. Afonso Henriques, intérprete ideológico da Raça» e «O Milagre de Ourique e as Côrtes de Lamego».

Toda a sua obra é caracterizada pelo rigor do raciocínio, profundidade de erudição e elegância de estilo. Alguns dos seus estudos foram objecto de discursos e conferencias que proferiu ou publicados por doutissimas corporações scientificas de Portugal, Espanha, França e Alemanha.

O nosso biografado teve a prioridade na iniciativa e na consecução de diversas medidas de grande utilidade para a instrução e para a defesa nacional. Deve-se-lhe a fundação dos seguintes institutos de ensino gratuito: Instituto 19 de Setembro, depois Real Instituto de Lisboa, que ministrava todos os graus de instrução e diversos cursos especiais, mercê do qual milhares de proletários conseguiram diplomar-se nas escolas superiores e atingir altos cargos públicos; Escola Sucursal do mesmo Instituto em Tavira, Curso Colonial, (o primeiro que funcionou no país), e o Curso de Educação Militar, que se pode considerar o precursor das escolas de oficiais milicianos e de instrução militar preparatória; e ainda dos seguintes institutos scientificos: Academia de Ciências de Portugal, Instituto Teofiliano, Insti-

tuto Arqueológico do Algarve, Instituto Histórico do Minho, e a criação dos institutos sociais: Secção Portuguesa da Liga Latino-Slava, Liga Anti-Germânica, Instituto de Trabalhos Sociais, Ordem de Santa Maria do Castelo e Liga de Defesa Social.

A êle se deve também a iniciativa dos Centenários da restauração de Castro Marim, efectuada por seu bisavô, o Tenente-Coronel João da Guarda Cabreira; da restauração de Faro, dirigida por seu primo o General Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira; da morte de Gomes Freire, da fundação da Ordem de Cristo, da Revolução de 1820, do nascimento de Pasteur e de Julio Verne e da canonisação de S. Tomás de Aquino.

Vem a propósito recordar que o Dr. António Cabreira foi o primeiro escritor que susientou os principios da Monarquia Tradicional no campo puramente scientifico, tendo o seu livro «Soluções positivas da Política Portuguesa», Lisboa, 1892, antecedido alguns anos a obra de Maurras.

Como jornalista, fundou e dirigiu diversas publicações, sendo a mais recente «O Clarim», — vibrante panfleto doutrinarío e de combate, onde flagellou os seus inimigos; — e como erudito e cientista representou a Imprensa Portuguesa, o Chefe do Estado e as Academias em vários Congressos Nacionais e Internacionais, presidindo a uma sessão do das Sciencias, na Universidade de Salamanca.

O Dr. Antonio Cabreira tem sido alvo das maiores homenagens scientificas e cívicas, destacando-se dentre elas: — a consignação das suas descobertas nos Relatórios da Academia das Ciências de Lisboa; a publicação, na íntegra, de dois notáveis trabalhos seus nos «Comptes-Rendus» da Academia das Ciências de Paris; a adopção de diversos teoremas seus no ensino superior e secundário; louvores em diplomas officiais; a inauguração do seu retrato no Real Instituto de Lisboa, Academia de Sciencias de Portugal, Instituto Histórico do Minho e Bibliotecas Municipais de Faro e Tavira; a deliberação das respectivas Câmaras para o seu nome ser dado a ruas dessas cidades; cortejos e diversas manifestações públicas nas mesmas cidades e em Lisboa; o elogio de trabalhos seus na antiga Câmara dos Pares do Reino e no Senado da República; a fundação do «Instituto Antonio Cabreira», a inscrição do seu nome nos Quadros de Honra da Biblioteca Nacional e da Sociedade de Geografia de Lisboa, as sessões solenes em que o receberam o Corpo Catedrático da Universidade de Coimbra e a Câmara Municipal de Faro, e ainda a publicação de diversas brochuras em sua honra, dentre as quais avulta o livro-monumento «Antonio Cabreira, seus serviços e consagrações», organizado e editado pelos condiscipulos e onde a sua obra é enaltecida por grande número de insignes intellectuais; e a memorável comemoração das suas bôdas de prata académicas, em Lisboa, Vizeu, Viana do Castelo e Toulouse, que constou de instituição de medalha, exposição bio-bibliográfica, sarau de gala, sessões solenes e a publicação do precioso livro «Homenagem a Antonio Cabreira», onde muitas dezenas de altas mentalidades nacionais e estrangeiras lhe rendem um apoteótico preito.

SIMÕES RATOLA

GRAMOFONES, com e sem campanula, e em formato de malinhas, das melhores marcas.

DISCOS, cantados e tocados pelas maiores celebridades mundiaes, operas completas, repertorio sinfonico e de camare, canções fados e danças modernas por Jaz-Band, etc. — OFICINA DE REPARAÇÕES E VENDA DE ACESSORIOS

PREÇOS SEMPRE
DE COMBATE

CASA GOUVEIA MACHADO

RUA ALVES CORREIA, 152— LISBOA (ANTIGA S. JOSE)

Telefone N. 4306



PAGINA DO PORTO

• HOMENAGEM A •

D. CAROLINA MICAËLIS DE VASCONCELOS

PPROMOVIDA pelo Comércio do Porto, realizou-se a 14 do corrente a homenagem à eminente investigadora D. Carolina Micaëlis de Vasconcelos, que naquele diário fundara e dirigiu até à sua morte, a secção "Mulheres e Crenças".

A' sua residência, à rua de Cedofeita, afluiram as individualidades mais destacantes do professorado Universitário e dos liceus, do meio artístico e académico do Porto e Coimbra.

Depois de alguns oradores terem posto em relêvo a personalidade intelectual e moral da extinta, procedeu o presidente da Camara Municipal ao descerramento da lápide de bronze, aposta na fronteira do prédio onde residiu, acto que os assistentes e as inumeras pessoas que da rua o presenciavam, saudaram com uma salva de palmas.

Todos os que a esta cerimonia setinham a ssoiado, foram em romagem ao cemitério de Agramonte, sendo depostas no jazigo da saudosa professora, coroas e bouquets de rosas.

A' noite, na sessão solene que teve logar no salão nobre da Faculdade de Ciências, o sr. dr. Mendes dos Remedios, director da Faculdade de Letras de Coimbra, proferiu uma eloquente oração, enaltecendo o vulto da grande romancista, salientando a suprema e constante preocupação da sua vida, inteiramente votada a iluminar com a presciencia que lhe davam a sua funda erudição e carinho pelas letras portuguesas, tantos problemas obscuros da nossa literatura.

A escolhida e numerosa assistência, aplaudiu demoradamente este admirável discurso, que encerrou magnificamente o preito de consagração áquela cujo vulto, no campo da sciência filológica e da investigação literária, ficará como um dos maiores expoentes da intelligência feminina, e que para os seus intimos perdurará tambem na memória radiosa das suas peregrinas virtudes.

CONTRA O SISTEMA PROBICIONISTA

Implantado o sistema proibicionista nalguns países do norte, onde o alcoolismo mais tem feito sentir os seus efeitos devastadores, organizou-se naqueles que na vinicultura e exportação de vinhos tem um dos factores de equilibrio da sua balança económica, uma tenaz propaganda contra as medidas restritivas de comércio e consumo.

Em sucessivos congressos realizados desde 1920, em Paris, Lausanne, Bruxelas, Londres, Haia e novamente em Paris, os representantes das associações anti-proibicionistas tem pugnado pelo regimen de liberdade, numa campanha em que se aduzem as mais subtis razões, se bem que no campo oposto, os argumentos sejam igualmente ponderosos, ainda que improfiqulos para aqueles que visam proteger — ou o vicio raciocinasse! — para mais não comprometendo, nos países onde vigora a lei sêca, fontes de riqueza que tais nações não possuem.

A' 7.^a conferência, realizada há poucos dias no Palácio da Bolsa, nesta cidade, presidiu o barão Raymond de Luze, presidente da «Ligue Internationale des Prohibitions».

Tomaram parte nas sessões 200 delegados de colectivi-

dades estrangeiras. — entre os quais se viam muitas senhoras — representando 12 países.

Após os três dias consagrados à leitura de relatórios em que produziu um notável discurso o Director da Faculdade de Medicina do Porto, efectuou-se uma excursão em comboio especial à região vinhateira do Douro.

Visitaram os excursionistas as magnificas quintas onde se produz o vinho do Porto, dotadas de instalações modernas, onde o seu fabrico tem sido levado a um sumo grau de aperfeiçoamento.

Na visita que os congressistas realizaram depois aos armazens da importante Companhia Vinícola do Norte de Portugal e a outras grandes casas exportadoras com sede na vizinha Vila Nova de Gaia, tiveram novamente ensejo de apreciar os mais afamados tipos do precioso vinho, alguns com 100 anos de cave, encarecendo calorosamente o meticoloso savoir faire que presidira à sua preparação e acondicionamento.

E com o mesmo requintado luzimento com que fôra inaugurado, fechou o congresso, sendo oferecido aos nossos hóspedes, a quem já tinha sido dedicada uma esplêndida soirée, no sumptuoso salão árabe da Bolsa, um banquete na Sala holandesa do Palácio de Cristal, presidido pelo sr. Ministro dos Estrangeiros.

BRANCA LOPES



PEDRO H. DE MATTOS

R. Alexandre Herculano, 94 98

Casa especializada

em meias e piugas de sêda e fio d'escôcia

Artigos de Fanqueiro e Modas

Satisfazem-se todos os pedidos para a provincia

A PORTUGALIA

FABRICA DE CHAPEUS

R. da Metade, n.º 9 (á Rua de S. José)

Chapeus de feltro para homem e senhora
Chapeus de palha para homem, senhora e creança.

FABRICAÇÃO ESMERADA

Preços sem competencia

Sucursaes de vendas directas ao publico

1.^a Sucursal—12 C, Av. Almirante Reis, 12, D.

2.^a " —58, R. Alves Correia e R. do Telhal, 4

3.^a " —68, R. dos Cavaleiros, 70



A SE' CATEDRAL

que foi recentemente elevada á categoria de Monumento Nacional

(Foto do sr. Miguel Monteiro)

A igreja do extinto convento de S. Domingos data de 7 de Maio de 1422, dia em que tiveram inicio as respectivas obras, por autorisação concedida pelo Papa Martinho V aos padres domínicos de Guimarães.

Ergue-se ao poente do antigo campo do Tabolado, hoje Avenida Carvalho Araujo, entre esta e a rua da Fonte do Chão.

El-Rei D. João I, por provisão de 2 de Novembro de 1421, perdoou os foros reais que, em virtude da doação de D. Diniz, aqueles terrenos pagavam á Corôa.

Para as suas obras, também o Rei D. Afonso V estipulou a renda anual de 286 reais brancos, e D. João III cedeu aos religiosos metade das rendas de Mouselas, mercê que D. Sebastião efectivou.

Extintas as ordens religiosas, em 1834, foi a igreja cedida ao Reitor de S. Diniz, para séde da sua paróquia.

Em 21 de Novembro de 1837 ardeu o convento, achando-se nele aquartelado o batalhão de caçadores 3, tendo-se persuadido o povo de que o fogo foi proposadamente pôsto pelo célebre major Painço, para assim saldar as suas contas com a caixa do mesmo batalhão!...

Por subscrição pública e por algumas rendas das freguesias do concelho e de Penaguião, foi depois feita a reconstrução da igreja, que terminou em 1850.

E' um templo de três naves, formando arcos em ogiva, assentes sôbre seis colunas de pedra com ornatos e figuras. A capela-mór possui um bom retábulo de talha dourada, do penúltimo século.

Com a recente criação do Bispado, esta igreja, elevada á distincão de Sé Catedral, tem passado, interiormente, por uma grande transformação, principalmente no que se refere á limpeza.

A fotografia que ilustra a presente página, mostra bem o seu estilo, elegante e artistico, e o valor architectonico da sua fábrica, que a tornam por isso um monumento transmontano dos mais dignos de ser visitados.

Bem fez o Ministério da Instrução Pública, decretando-a Monumento Nacional, pelo n.º 35 do "Diario do Governo", 1.ª série, de 19 de Fevereiro último.

A "Alma Nova", referindo alguns dos factos passados e actuais relativos á nova Sé de Vila Real, não pode esquecer o nome do primeiro prelado da Diocese, Arcebispo-Bispo D. João Evangelista de Lima Vidal, cuja personalidade conta já hoje muitos admiradores, e estamos certos de que a historia da antiga igreja de S. Domingos há-de ser ainda enriquecida com o valioso patrocínio do seu primeiro prelado, a quem todo o povo transmontano tributa os melhores respeitos e simpatias.

FIGURAS E FACTOS

NOS CLAUSTROS DA BATALHA



OS NOSSOS "AMIGOS" E "MADRINHAS"

A "ALMA NOVA", que, se se mantém há tantos anos, deve, o não se peja dizer, quasi exclusivamente ao seu patriótico nucleo de "Amigos" e "Madrinhas", honra-se hoje de contar no dedicado grupo das suas amizades mais uma gentilissima algarvia, a menina Julieta Calapez da Silva Martins, de Silves, e uma distinta senhora minhota, que ficará sendo "Madrinha" em Braga.

Tambem o illustre artista e professor em Braga, sr. Virgílio Amaral, se collocou desinteressadamente á nossa disposição, não só para uos remeter trabalhos seus, mas ainda conseguir subsídios para o fundo de accção e propaganda do grupo "Alma Nova".

OS estudantes e alguns diplomados da Universidade de Coimbra, que realizaram recentemente uma importante excursão de estudo agricola e florestal, através do País, sob a inteligente orientação do illustre director do Instituto de Botanica daquele velho centro universitario, sr. dr. Luís W. Carrisso, não limitaram a sua atenção a observar os nossos valores agricolas e florestais, mas tambem a retemperar um pouco a sua alvura de patriotas na contemplação enaltecedora dos nossos monumentos.

A gravura representa o culto grupo excursionista, nos formosíssimos claustros da Batalha.

Oportunamente nos referiremos á passagem pelo Alemtejo e em especial á sua visita á Escola Prátsca de Agricultura da Mitra.

(Fcto do académico sr. Reis Trincão)



A REEDIÇÃO DO DICCIONARIO DE CALDAS AULETE

(Continuação da pagina 3)

Vieira e Moraes, por exemplo «O Dictionario Contemporaneo» de Santos Valente-Caldas Aulete é obra da mais elevada e justa reputação.

Compenetraram-se os seus autores da perfeita justeza da observação do pensador francez: «um dictionaire sans exemples est un squelete» e fizeram com que os seus verbetes vocabulares surgissem cheios da mais apropriada e bem escolhida exemplificação.

Dai o grande favor que do publico mereceu e, desde muito, provocou o esgotamento de sua primeira tiragem.

Surge-nos agora, reeditado, e com o seu vocabulario, restricto, de outróra, largamente ampliado, promete-nos o prospecto.

Á luz do criterio moderno, e da cultura actual, as definições de termos scientificos da primeira edição do dictionario de Caldas são frequentemente desvaliosas, senão muitas vezes erioneas e até, em certos casos, algo ridiculas.

No interessante e vivaz prefacio desta primeira edição meteu Caldas Aulete á bulha os dictionaristas, seus velhos antecessores. Ridiculisa Bluteau e suas numerosas "inepcias" verbera a ignorancia de Moracs a inserir as noções da mais trazada e antiga sciencia, a continua incapacidade definitoria de Roquete, "a ignorancia da ideia e burlesco da forma" de Lacerda, em materia de tecnologia medica, etc. E, realmente, cabe-lhe muita razão, pois nos lexicos censurados

se nos deparam verbetes e verbetes dignos do bestunpto do famoso Bacelar.

Ha no entanto no dictionario de Aulete numerosas definições que hoje tanto valem como as que verbera aos velhos dictionaristas.

É o que se dá em materia de zoologia, physica e chimica, por exemplo. Inculca noções, hoje não mais exactas, mas forçoso é reconhecer que a sua superioridade definitoria em 1881, sobre a de Candido de Figueiredo, em 1923, é simplesmente consideravel. No grande lexico figueiredeano abundam os dislates e são frequentes até as parvoices. Assim nos tenha vindo, a reedição e ampliação do «Dictionario Contemporaneo» digna do grande valor vernacular da primei a tiragem e abrigando larga tecnologia scientifica modernissima e rigorosamente definida. Assim tambem haja esta nova edição recolhido a mais farta messe de brasileirismos e demais lusitanismos extra-europeus, podendo portanto aspirar a uma situação de Webster de toda a gente da lingua lusa que

"cerca em derredor este rotundo
Globo a sua superficie tam limada"

S. Paulo, 16 de fevereiro de 1926

AFONSO DE E. TAUNAY

O M O R T O

DA RUA DA PALMA

UMA noite, há alguns anos, ali no Martinho, sentados a uma mesa — o Carlos, o Frederico e um outro rapaz, tomavam preguiçosamente o seu café.

Um deles, o Frederico, alto, magro, a face vincada, olhar vivo, tinha prometido contar aos camaradas a sua ultima aventura, uma aventura original, dum inéditismo raro, que faria a consagração dum novelista que a soubesse aproveitar.

— Uma aventura d'amor? — perguntaram os amigos.

— Não. Não chegou a ser bem uma aventura de amor. . . — esclareceu.

— Mas, em todo o caso, houve uma mulher, um aperto de mão, um beijo furtivo. . .

— Sim, uma mulher que me perturbou e que eu nem sei se cheguei a beijar. . .

Eu conto: Ontem á noite, quando nos despedimos, seriam aí umas onze horas, talvez mais, resolvi ir a pé para casa. Cortei por S. Domingos e, ao desembocar na rua da Palma, encontrei uma mulher, uma mulher do povo, trajando sobre os ombros um chale largo e pesado. Não sei ainda porquê — ha coisas que não se conseguem explicar — essa mulher atraía-me, achava nela, no geito de andar, no balancear lento dos ombros e dos flancos, um encanto irresistível. . . Apressei o passo e aproximei-me. O meu instinto não me enganára. Eu estava ao lado dum verdadeiro tipo de beleza. Imaginem: Um lindo cabelo farto, quasi loiro, um pescoço admiravelmente torneado, um seio túmido. . . la descalça, mas á luz do candieiro pude, com meu olhar pronto e entendido, observar os pés mais bem feitos e pequenos que tenho visto, uns pésitos quasi microscópicos, que sobre o chão poisavam e do chão se erguiam, como duas pequenas pombas batendo de leve as azas. . .

— Se continuas com esse entusiasmo, acabas por nos recitar Fernando Caldeira, — atalhou, sorrindo, um dos amigos.

— Creiam que não exagero, — acentuou Frederico, com convicção. Há mulheres do povo admiráveis. Encadernadas á moda, pareceriam príncesas! . . .

— Ou talvez não, — duvidou Carlos. Sei eu duma varina que vale muitas marquezas, mas que, se cometesse a loucura ou o mau gosto de se vestir como tal, ficaria detestavelmente ridicula. Continua, porém, a tua narrativa, que nos vai interessando. . .

— Era de facto encantadora! Senti-me perturbado e atirei-lhe quaisquer palavras, que não sei como ela interpretou — porque a vi encolher-se no chale, baixar a cabeça e apressar o passo. Ao vê-la avançar, segui-a. Disse-lhe que não tivesse receio de mim, que eu não lhe faria mal nenhum. Estavamos a meio da rua da Palma. Ela parou então junto duma porta pequena e baixa, aberta sobre um corredor mergulhado em trevas. Pareceu hesitar. Moraria ali ou pretendia, acaso, refugiar-se? Conseguí ver-lhe melhor o rosto. Não me iludira. Era uma linda rapariga de feições correctas. Um pouco pálida, talvez. Atrevi-me a perguntar-lhe se morava ali. Respondeu-me com um movimento de cabeça, que sim.

— E é livre? — perguntei-lhe. Creio que não entendeu, porque me olhou fixamente, e tomou a atitude de quem espera uma explicação mais clara.

— Pergunto-lhe se a minha presença a incomoda ou

CONTO REALISTA

POR

REBELO DE BETTENCOURT

compromete? — expliquei, procurando-lhe as mãos, pequeninas e frias.

— Não me compromete. . . — respondeu-me numa voz doce, mas tocada de tristeza.

— Sabe que é linda? . . . Palavra que sinto por si o que ainda não senti por mulher nenhuma. Talvez não acredite. Creia que lhe falo sinceramente.

Ela olhava para mim, pasmada, como se não entendesse bem o sentido das minhas palavras, como se eu lhe falasse uma lingua extranha. . .

Mas dou-lhes a minha palavra de honra, caros amigos, de que falava com sinceridade áquela mulher.

Verdadeiramente apaixonado, apertei nas minhas mãos trémulas e ardentes as suas mãos pequeninas e frias. Tentei beijá-la. Fugiu á carícia da minha boca.

— E' melhor ir-se embora, que nos podem vêr, pediu então, numa voz aveludada e triste.

— Deixe-me subir? — volvi-lhe.

— Para quê?

— Que pergunta? Para que nos não vejam aqui. . .

E quasi junto dos seus lábios, abrindo-se em corola deliciosa, completei: . . . para me deixar beijar esses olhos, que eu não trocaria pelas estrelas todas do céu e para poder beijar essa boca, mais linda do que as rosas! . . .

Indecisa, acanhada, perturbada por certo, guardou silêncio durante alguns momentos. O coração batia-me apressado e forte, como se quizesse saltar do peito. Que luta se travaria no seu espirito?

— Que me responde? não tem confiança em mim, pois não tem? — disse, apertando-lhe mais as mãos, pequeninas e frias, que se abandonaram nas minhas, como duas avesinhas já familiarizadas.

Não me respondeu e, lenta, silenciosa, atravessou as sombras do corredôr, começou a subir a escada. Fui-lhe no encalço, quasi colado a ela. Puz-lhe o braço em volta da cintura. Não me repeliu, antes pareceu aceitar o meu gesto como uma carícia grata. Subimos, fomos subindo assim. . . A escada parecia não terminar. Finalmente, chegámos. Devia ser um quinto andar. Cautelosamente ela meteu a chave na fechadura, que rangeu de leve e. . . entrou. Entrei também. O pequeno corredôr onde me encontrava era frouxamente iluminado pela luz que vinha dum quarto contiguo. Ela olhava-me com olhos doces e tristes. Sentia-se enleada. No rictus da sua boca desenhava-se, vago e misterioso, um sorriso que me pareceu feito apenas de pesar. Eu sentia-me embaraçado diante do seu embaraço e da tragédia oculta daquela alma humilde e sofredora. Quem seria aquela mulher? Que dôr seria a sua? — perguntava a mim próprio.

Comovido, sofrendo já em mim a dôr alheia, que eu adivinhava no seu sorriso e no seu olhar — atraí-a, apertei-a de encontro ao peito, como para lhe significar que podia contar com um coração amigo.

Senti-a chorar baixinho. As lágrimas vieram-me também aos olhos. . . Depois, desprendendo-se, disse-me, com a voz quasi estrangulada por soluços:

— Eu sou a mulher mais desgraçada deste mundo!

E, antes mesmo de terminar a confissão da sua desgraça, abriu a porta do quarto contiguo, abriu-a toda, de par em par. . .

Olhei... O espectáculo que tinha em minha frente era horrível. Ainda agora sinto arripiarem-se-me os cabelos. Creio que durante algum tempo permaneci pregado ao chão, estúpido, a olhar, a olhar cheio de espanto e terrôr, o quadro macábrio...

— E' meu pai, explicou ela...

Estava na presença do cadáver dum velho, estendido sobre um colchão. Duas velas acêsas á cabeceira do morto, iluminavam trágicamente o quarto miserável.

Compadecido, mas mais cheio de terror do que de piedade, puxei da carteira, tirei algumas notas, entreguei-as áquela desgraçada e, sem uma palavra, espavorido, louco, corri para a escada e desci-a vertiginosamente, como se o fantasma daquele velho me perseguisse e tentasse agarrar-me com os braços longos e gelados...

Em casa, só sobre a madrugada consegui adormecer. Pesadelos horrorosos povoaram-me o sono, sobresaltado e curto...

Os amigos de Frederico escutavam com interesse a extranha narrativa, sentindo-se presos do mesmo terrôr, como se êles próprios tivessem assistido á scena macábra.

E Frederico continuou:

— Esta manhã levantei-me cedo e dirigi-me á rua da Palma. Vocês compreendem, a rapariga precisava de fazer o enterro do pai e o dinheiro que eu lhe dêra, atabalhoadamente, na véspera, era insuficiente. Subi e desci a rua várias vezes, a ver se reconhecia aquela porta pequena e baixa e aquele corredôr sombrio, por onde ela tinha entrado. Enchia-me já de desespero a inutilidade das minhas pesquisas, quando me pareceu reconhecer a referida porta. O prédio tinha cinco andares. Devia ser ali. Uma voz interior dizia-me que sim... A' entrada, encostado á ombreira,

estava um homem em cabelo, fumando ociosamente o seu cigarro. Devia, calculei, moçar ou fazer serviço em um dos andares. Acerquei-me. Perguntei-lhe se sabia se tinha morrido no prédio algum individuo. O homensinho pensou um pouco e abanando a cabeça respondeu-me: — Que eu saiba, não.

Mas ainda uma voz interior dizia-me que era ali. Insisti. Fiz a descrição mais completa possível da rapariga que encontrára. Escutava-me o homem e sorria, piscando-me o olho esquerdo. Depois, maliciosamente:

— Estou a ver que o senhor foi também no vigário...

— No vigário?! Não compreendo!

— No vigário do morto... O homem não é o pai da catraia, é o amante...

E como visse estampado o pasmo em meu rosto, fez-me as revelações mais extraordinárias dos «temiveis vigaristas»:

— Ainda esta manhã os vi descer a escada, aos dois. Parece-me que essa comédia do pai defunto não é nova...

Frederico tinha feito a narrativa da sua original aventura, acompanhando-a de tais gestos e de inflexões de voz, que os seus amigos, interessados a principio pelo que na mesma havia de romântico, e tomados, depois, pelo calafrio da tétrica visão do morto, ao ouvirem-lhe o desfecho burlesco, entreolharam-se, sem saber que dizer.

— Não lhes disse um conto imaginado por mim... foi um autentico «conto de vigário» em que eu caí, como vocês caíam também, dadas as mesmas circunstancias, — terminou Frederico, batendo as palmas para chamar o criado.

REBELO DE BETTENCOURT

PÓ DE ARROZ



A ALTA ESCOLA DO AMOR

1.º e 2.º actos

(Da «Vie Parisienne» — Paris)

ALMEIDA GARRETT, cuja casaca de sêda era um pôço de elegância, dirigiu-se uma vez, em casa da marquesa de Viana, a uma senhora gentilíssima:

— V. Ex.^a dança maravilhosamente.

— Acha?

— Absolutamente. Melhor do que Salomé diante de Herodes.

— E porquê, Visconde?

— Porque, quando Salomé dançou, perdeu a cabeça um homem, e quando V. Ex.^a dança perdem a cabeça todos...

*

MARCELINO MESQUITA, uma tarde, á porta da livraria Ferreira, apontando a um grupo um rapaz e uma rapariga que passavam de braço dado:

— Felicíssimos, hein?

— São casados certamente? — pergunta alguém.

Resposta rápida de Marcelino:

— São; mas não um com o outro.

*

A respeito duma actriz a quem um snjeito presenteou com um pequenino «fox-terrier», dizia Lucinda do Carmo, num sorriso:

A falar a verdade, não sei se êle gosta dela, — se não gostava do cão...

LUÍS D'OLIVEIRA GUIMARÃES

LIVRARIA
SÁ DA COSTA
LARGO DO POÇO NOVO, 12
LISBOA

DEPOSITARIA DOS LIVROS:

SANGUE D'EPOPEIA -- A Artilharia Portuguesa na Flandres, por Mateus Moreno, fén nte de Artilharia, 1 vol. f.....	4\$00
NA GUERRA E NA PZ-Z -- SINFONIA MACABRA. id., (3 ed).....	2\$00
MINHA PATRI -- Poema em 3 livros e 3 jornadas, 1d. id., 2.ª edição broch., 3\$00. cada livro.....	1\$00
CANTIGAS -- (2.ª edição, por Rebelo de Bettencourt, com prefácio de Luiz Chaves, 1 vol. broch.....	2\$50
QUES DE ANACREONTE -- por Luis Calado Nunes.....	2\$50
CAMPANHAS CAMILIANAS -- por Oldemiro César e Cruz Magalhães, 1 vol. broch. com il. de Rafael Bordalo.....	5\$00
«ALMA NOVA» vol. 1, 11 e 111 da 3.ª série, cada, enc. 2\$500 br ch.....	1\$00
O INVEROSIMIL -- Conferencia Proibida, original do insigne escritor e moralista Lordé Pechincha de Nadavale.....	2\$00
A EDUCAÇÃO MORAL -- Pelos exercícios de redacção, (com a metodologia deste en sino), por José Guerreiro Murta, prof. electivo dos liceos, recomendado pelo D. do Governo.....	4\$60
DA VERDADE, por João José Gomes.....	2\$50
EÇA DE QUEIROZ -- «Revelado por oma illustre senhora de sua familia» D C d'Eça de Melo.....	2\$50
CONTOS PARA CRIANÇAS, por D. Branca Lopes Martins, com illustrações de Roberto Nobre (Ed. Miranus - Porto).....	8\$00
A ENTREVISTA, por Cruz Magalhães, 1 op. ils.....	1\$00

A PUBLICAR:

O DESENHO E A MULHER, no labor artístico de Rafael Bordalo por Saavedra Machado.
A NOVA GUERRA, por Mateus Moreno.

CASA GOUVEIA MACHADO

Rua Alves Correia, 152
(Antiga Rua de S. José) Lisboa
TELEFONE N. 4306



Pianos, Instrumentos, para banda, orquestra e tuna etc. **Oficina de pianos,** para pequenas e grandes reparações e afinações.

G. R. MARTINS, L.^{DA}

TRAVESSA DE S. PEDRO, 31

(A S. Pedro d'Alcantara)

Maquinas de castura «MUNDLOS», Maquinas de bordar «SCHIRMER», Maquinas de casear a panto djaur «DURKOPP».

Vendem a pronto e a prestações

grande sortido de bijouterias, quinquilharias, pinceis de barba, etc.

Chocolates alemães

ATENÇÃO

Esta firma dá aos seus esttmaveis clientes, nas compras efectuadas, segundo o seu valor, om COUPON com dreito a UM BRINDE, conforme as instruções afixadas no nosso escritório.

“ALMA NOVA”

LEITURA AMENA
E INSTRUCTIVA

A
1 E 15 DE CADA MÊS

PROFUSAMENTE ILUSTRADA COM FOTOGRAFIAS, CARICATURAS E DESENHOS, REFERINDO OS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DA QUINZENA

ASSIGNATURAS
CONTINENTE E ILHAS:

TRIMESTRE 8\$50

SEMESTRE 16\$00

ANO 30\$00

COLONIAS PORTUGUESAS:

SEMESTRE 22\$00

ANO 40\$00

ESTRANGEIRO:

SEMESTRE 30\$00

ANO 50\$00

(PAGAMENTO ADEANTADO)

NUMERO AVULSO 1\$50

REGAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
263-R. DA ESCOLA POLITECNICA-267
LISBOA

AOS NOSSOS AMIGOS
LEITORES E ASSINANTES

A TODOS PEDIMOS A SUA COOPERAÇÃO, PARA FAZERMOS DA “ALMA NOVA” A GRANDE REVISTA DE QUE SE PRECISA.

TUDO O QUE NOS OBTIVER 5 NOVOS ASSINANTES TERA' 50% DE DESCONTO NA SUA ASSINATURA, O QUE NOS OBTIVER 10, RECEBERA' 1 ASSINATURA GRATIS

TODOS OS ASSINANTES TÊM 20% NOS LIVROS EDITADOS PELA EMPRESA “ALMA NOVA”

ROYAL-PHOTO

ATELIER DE ARTE
PHOTOGRAFICA

SANTOS & RAPOZO, L.^{DA}

RUA DO CARMO, 55, 1.º (AO CHIADO)

LISBOA

FRAGOZO FERNANDES

ADVOGADO

Questões cíveis, commerciaes e criminaes

R. DO CRUCIFIXO, 75, 1.º E.

TELEFONE CENTRAL 4110

LISBOA

MIGUEL MONTEIRO

(TRÁS-OS-MONTES) VILA REAL

RUA TRINTA E UM DE JANEIRO, 43
000

Correspondente das melhores fabricas estrangeiras de fotoliptas artisticas, tais como bihetes postais com vistas, albuns, panoramas de todos os formatos, estampas de qualquer espécie. etc.

Editor dos postais de Vila Real, reproinzindo os seus motivos históricos, as suas Avenidas, Fontes, Palácios e Castelos. A mais completa coleção até hoje editada.

Encarrega-se de edições de vistas para qualquer terra do país, a preços vantajosos, executando também as respectivas fotograffias para êsse fim, com completos conhecimentos da arte.

PEDIR ORÇAMENTOS

DIREITO PORTUGUÊS
E
BRASILEIRO

M. GOMES DOS SANTOS
ADVOGADO

Com Procuradoria
no Brasil

R. DA VITORIA, 53, 3.º

TELEFONE CENTRAL 3156

LISBOA

LEIA
SANGUE D'EPOPEIA

A ARTILHARIA PORTUGUESA
NA FLANDRES
POR

MATEUS MORENO

EDIÇÃO PROFUSAMENTE ILUSTRADA
COM PREFÁCIO
DO

Camandante Geral da Artilharia da
C. E. P.

e Caranel Maia Pinta

COMANDANTE DO GRUPO QUE FÊZ A

ARRANCADA DA VITÓRIA

Vol. Broch. 4\$00

MENDONÇA, L.^{DA}

AVENIDA DA LIBERDADE, 161

TELEFONES NORTE 16
3906

LISBOA

(ANTIGO 119 A)

COMPRA E VENDE PROPRIEDADES
COLOCAÇÃO DE CAPITAL SOBRE HIPOTECAS E LETRAS

Leilões de mobílias em casas particulares
casas comerciais, oficinas e fabricas

TÊM SEMPRE A VENDA MUITAS QUINTAS, MORADIAS E PREDIÓS COM ANDARES VAGOS

Serviço de taxímetro, os mais luxuosos e confortaveis carros

(MARCA PEUGEOT)

Garage-R. S.^{TA} MARTA, 256

“A ESTREMA DURENSE”

EMPRESA INDUSTRIAL E COMERCIAL, L.^{DA}

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES

CONTA PRÓPRIA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Armazens de mercearias e bacalhau por atacado e a retalho

Fornecedores da exercita de terra e mar e dos navios mercantese nacionaes e estrangeiras

ESCRITORIO - R. DOS BACALHOEIROs, 166, 168 — TELEFONE 2358 C.

ARMAZENS - T. DO ALMADA, 20 - R. DA PADARIA, 20

LISBOA

MOSAICOS

GOARMON & C.^A

A MAIOR FABRICA DO PAÍS

Escritorio: T. do Corpo Santo, 17, 19 e 21 - R. do Corpo Santo, 32

LISBOA

A maior produção de Portugal

Artigos de cimento armado

Os de melhor fabrico

Artigos sanitarios

Resistentes Duraveis Impermeaveis

Pintura artistica em azulejos: Santos, paisagens,

As maiores vantagens

fotografias, etc.

AZULEJOS

CIMENTOS

OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

TELEFONE CENTRAL 1244